

Relações externas Presidente criticou Conselho de Segurança das Nações Unidas, sugeriu uma nova governança global e cobrou recursos dos países ricos

Fala de Lula na ONU pede foco no clima e fim de desigualdade

Renan Truffi, Fabio Murakawa e
Márcia Gombata
De Brasília e São Paulo

Em seu retorno à abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas após 14 anos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso focado no aumento da desigualdade social, da fome no mundo e na necessidade de taxar os mais ricos de maneira "proporcional ao seu patrimônio". Também citou a questão do desmatamento e da crise climática, bem como a promessa de países ricos de destinarem US\$ 100 bilhões anuais contra efeitos da mudança no clima.

Além disso, o presidente brasileiro aproveitou sua volta ao órgão para fazer duras críticas ao próprio Conselho de Segurança da ONU, quando clamou por uma nova governança global. E também fez ataques ao neoliberalismo e ao que chamou de "nacionalismo autoritário".

A mensagem inicial do presidente brasileiro, uma tradição nos encontros do órgão, começou lembrando justamente do seu primeiro discurso, em setembro de 2003, quando Lula também tratou da questão da fome na ONU.

"Há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez. [...] A fome, tema central da minha fala neste Parlamento Mundial 20 anos atrás, atinge hoje 735 milhões de seres humanos, que vão dormir esta noite sem saber se terão o que comer amanhã. O mundo está cada vez mais desigual."

Neste sentido, o presidente afir-

mau que resolver a desigualdade dentro dos países significa "incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos proporcionais ao seu patrimônio". Lula defendeu ainda que, para vencer a desigualdade, é necessária vontade política daqueles que governam o mundo e citou medidas de seu governo para aplacar assimetrias.

Em seguida, Lula abordou a questão climática e lembrou que "os países ricos cresceram com base em modelo baseado em emissão de gases danosos ao clima" e, neste sentido, acusou os 10% mais ricos do mundo de serem responsáveis por quase metade do carbono que é lançado na atmosfera.

"A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implementação do que já foi acordado. São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima", disse. "Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera. Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo", ponderou.

Na esteira desse tema, ele mandou um recado ao dizer que o Brasil conseguiu reduzir em 48% o desmatamento da Amazônia nos últimos oito meses. O Valor apurou que o anúncio não foi incluído no texto apenas como forma de "bater bumbo" a favor da gestão petista.

A ideia de guardar essa informação para a assembleia da ONU

foi uma forma de o Brasil reiterar a União Europeia que a região está fazendo sua parte para destravar o acordo comercial entre o velho continente e o Mercosul.

O motivo é que, após a retomada das negociações entre os dois blocos, a União Europeia decidiu apresentar um documento adicional, no mês de maio, que contém, por exemplo, exigências de maior rigor no combate à derrubada de florestas na América do Sul. Essas colocações não agradaram, porém, os países da região. Por conta disso, a equipe de Lula decidiu enviar um recado sobre assunto num "palco" considerado mais amplo, onde outros países protagonistas também estão presentes.

Nesse mesmo sentido, o discurso do presidente citou diretamente o Acordo de Paris. Isso porque, em 2020, o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles decidiu apresentar uma nova meta climática no âmbito do acordo, que permitiria ao país chegar a 2030 emitindo 400 milhões de toneladas de gases do efeito estufa a mais do que o previsto na meta original. A proposta não foi bem vista pelos outros países negociadores.

"A promessa de destinar US\$ 100 bilhões — anualmente — para os países em desenvolvimento permanece apenas isso, uma promessa. Hoje esse valor seria insuficiente para uma demanda que já chega à casa dos trilhões de dólares", argumentou o chefe de Estado brasileiro.

Mais uma vez, o presidente também abordou a questão geo-



Lula: "O Conselho de Segurança da ONU vem perdendo progressivamente sua credibilidade"

política e direcionou duras críticas sobre a "paralisia" do Conselho de Segurança da ONU. Sobre isso, ele chamou atenção para a incapacidade de a comunidade internacional deter o conflito entre Rússia e Ucrânia e afirmou que estabilidade e paz demandam prosperidade e justiça social.

"O Conselho de Segurança da ONU vem perdendo progressivamente sua credibilidade. Essa fragilidade decorre em particular da ação de seus membros permanentes, que travam guerras não autorizadas em busca de ex-

"A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável" Lula

pansão territorial ou de mudança de regime", afirmou. "Sua paralisia é a prova mais eloquente da necessidade e urgência de reformá-lo, conferindo-lhe maior representatividade e eficácia."

Como parte desse argumento, ele defendeu a expansão do grupo dos Brics, que, na sua avaliação, surgiu em decorrência do "imobilismo" na arena global. Após isso, Lula emendou críticas ao Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e à Organização Mundial de Comércio (OMC).

"A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável. Não corrigimos os excessos da desregulação dos mercados e da apologia do Estado mínimo. As bases de uma nova governança econômica não foram lançadas", justificou.

Por fim, Lula classificou como "perturbador" o fato de antigas disputas não serem resolvidas. Nesse sentido, citou a dificuldade de garantir a criação de um Estado palestino, a longa crise humanitária no

Haiti, o conflito no Iêmen, as ameaças à unidade nacional da Líbia e rupturas institucionais em países como Burkina Faso, Gabão, Níger e Sudão. Alertou também para o risco de um golpe na Guatemala.

Segundo interlocutores, a construção do texto foi um trabalho coletivo entre Itamaraty e Palácio do Planalto, mas recebeu sugestões e demandas do próprio Lula até a última hora. Três figuras-chave auxiliaram o presidente: o assessor especial da Presidência, Celso Amorim, o jornalista José Bezeze Júnior, coordenador da equipe de discursos da Presidência, e o chanceler Mauro Vieira. Além deles, os embaixadores Audo Faleiros e Fernando Igreja, além de José Christiano, secretário de Imprensa, também deram pitacos na proposta. (Colaboração Andreia Jubé)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 4